

A ORIGEM PSÍQUICA DO ÓDIO QUE RESULTA EM VIOLÊNCIA FÍSICA E MORTE CONTRA A POPULAÇÃO LGBTQIA+ NA SOCIEDADE BRASILEIRA.

Marlyane Elen Silva dos Santos ¹

INTRODUÇÃO

A garantia de direitos da população LBTQIA+ ao longo dos últimos anos tem se tornado uma construção política adquirida em conquistas fragmentadas e por meio de lutas dia após dia, onde se esbarra diretamente na crescente linha de movimentos e ataques homofóbicos que se apresentam na sociedade brasileira. Trata-se de uma luta que envolve a perspectiva do reconhecimento do direito e importância da diversidade em uma sociedade predominantemente heteronormativa. Essa perspectiva se agrava em meio a uma série de discursos preconceituosos que ressaltam uma série de tipos de violências práticas, que vai desde a segregação (evitação), até a violência física e assassinato de pessoas que não se apresentam no padrão heteronormativo que predomina em toda a sociedade. Nesse sentido, no cenário brasileiro atual, a violência verbal, física e até mortes vem ocorrendo cada dia mais, mesmo que muitas vezes essas violências não são notificadas ou entendidas como específicas a este grupo pela sociedade, e grande parte dos culpados seguem sem serem condenados pelos seus atos perante a justiça.

Etimologicamente, a palavra homofobia é derivada do grego "homos", que quer dizer "o mesmo" e "phobikos", que significa "ter medo e/ou aversão a", tendo sido utilizado pela primeira vez, oficialmente, por George Weinberg, em 1972 (Blumenfeld, 2004). Dessa forma, entende-se que o termo é usado para definir o medo e a repulsa face às relações afetivas e sexuais entre pessoas do mesmo sexo, porém analisando o contexto atual, homofobia inclui o medo, a repulsa, o preconceito, a discriminação, abusos verbais e atos de violência contra toda a população LBTQIA+, em resumo, a homofobia hoje é o termo no qual utilizamos de forma geral para referenciar preconceito e discriminação a toda a minoria que não se enquadra no padrão heteronormativo da sociedade. A homofobia pode acometer inclusive aos homossexuais sob a forma de uma "homofobia internalizada".

O termo heteronormatividade, por sua vez, foi criado por Michael Warner na década de 1990, para definir o sistema de idéias que estabelece a heterossexualidade como norma. Segundo essa perspectiva, a partir dos sexos biológicos (macho/fêmea) se convencionaram expressões de gênero (masculina, feminina), das quais deram forma as orientações sexuais (hetero/homossexual). Ou seja, há a imposição de uma linearidade/congruência entre sexo biológico, gênero e orientação sexual.

Diante da conjuntura brasileira atual, o que podemos observar que mesmo com a sociedade evoluindo no sentido geral de globalização e modernização, a homofobia vem também seguindo em crescimento, ou seja, a discriminação e preconceito contra a minoria LBTQIA+ vem apresentando uma escala crescente e notória de ocorrências. Diante disso, a presente pesquisa surge a partir dessa problemática grave e injusta que resulta em muito sofrimento a diversas pessoas, dessa forma temos como propósito analisar qual a origem desse sentimento de ódio e discriminação dos agressores que tem como foco aniquilar a diversidade afetiva sexual dessa população.

¹ Psicóloga Social e Clínica. Professora. Especialista em Terapia de Casal e de Família., email:marlysañpsi@gmail.com;

METODOLOGIA

Nesse sentido, este estudo é qualitativo e bibliográfico documental, tendo como objetivo analisar qual a origem desse sentimento de ódio e discriminação capaz de induzir a vias extremas suas manifestações, como violências físicas e mortes de inocentes.

Esse estudo é realizado por meio de artigos científicos, publicações e documentos atualizados adquiridos por diversos meios, livros, referências bibliográficas de autores e teóricos com foco na área do objeto de pesquisa com o intuito de verificar suas contribuições gerais referentes ao tema do estudo.

DESENVOLVIMENTO

Em nossa sociedade contemporânea, poderíamos compreender a homofobia como a impossibilidade de aceitar aspectos da feminilidade no homem ou da masculinidade na mulher (Silva, 2006)

As estatísticas apontadas por Mott (2006) mostram que os índices de assassinatos contra homossexuais entre 1963-1969 subiram de 63 casos registrados, para 671 entre o período de 2000-2004. Ressalta ainda que, de modo geral, os gays representam 63% dessas vítimas, das quais 31% são travestis e 6% lésbicas. Sempre é bom lembrar que, proporcionalmente, as travestis e transexuais são muito mais vitimizadas do que as lésbicas e gays, pois a população de transgêneros brasileiros oscila entre 10 mil e 20 mil indivíduos, enquanto os gays devem ultrapassar 18 milhões (Mott, 2006). Estes índices de violência também podem ser corroborados nas pesquisas de Carrara e Vianna (2004; 2006) que apontam essa parcela da população como “vítimas do seu próprio desejo”.

Freire e Cardinali (2012) destaca que essas ações discriminatórias perpetradas contra homossexuais podem se desenvolver em dois sentidos: o **físico**, que atinge diretamente a integridade do corpo do indivíduo, podendo chegar ao homicídio nos piores casos; e o **não físico**, que se configura como uma espécie de violência simbólica, composta por xingamentos, tratamento diferenciado, impedimento de participação em instituições e etc.

Com o objetivo de analisar um recorte específico dentro da homofobia, onde iremos estudar quais as possíveis origens desse sentimento de ódio e discriminação capaz de induzir a vias extremas suas manifestações de violência, como violências físicas com crueldade e mortes de pessoas, pelo simples fato de não se enquadrarem no padrão heteronormativo.

Ainda segundo Borrillo (2010), a expressão da homofobia é uma ação constituída na sociedade, na qual expressa o binarismo homem e mulher, e por isso, ela se tornou a grande guardiã das fronteiras tanto sexuais (hétero/homo), quanto de gênero (masculino/feminino) hierarquizada pela ordem heteroxista, ou seja, dominada por uma ideologia heterossexual, masculina e branca, contrárias todas as expressões das diferenças sexuais. Essas expressões se configuram em violências por pessoas que introjetadas pela cultura, naturalizam a aversão a todas as pessoas que demonstrem ser diferentes da heterogemonia. A presença de qualquer manifestação sexual não heteronormativa na sociedade, sem que haja algum motivo aparente, pode ocasionar desconforto àquelas que sofrem desta naturalização. Existem pesquisas que demonstram que os sujeitos naturalizados pela heteronormatividade consideram tudo que é contrário a ela por ser ameaça a sua existência (Borges e Meyer, 2008; Teixeira et. all, 2012; Dinis, 2001; Freire e Cardinali, 2012; Marinho et. all., 2004; Perucchi et all., 2014; Souza, Silva e Faro, 2015).

Frequentemente, a violência física homofóbica se dá como "ato simbólico" no corpo da vítima na tentativa de destruir sua identidade de gênero ou alguma característica que indique sua orientação sexual contrária a heterossexual. Gays geralmente são agredidos no rosto e/ou na cabeça, tem o pênis castrado e/ou são encontrados mortos com objetos introduzidos no ânus.

As travestis e transexuais, geralmente, têm seus corpos queimados e/ou cabelos cortados para que as feições femininas, ou masculinas, no caso de transexuais masculinos, não sejam evidenciadas. Por fim, as lésbicas são violentadas com socos no rosto, seios e/ou seguidos de estupro com insultos de afirmações de que elas merecem tal ato, para aprenderem a serem mulheres etc..

Dessa forma, nos basearemos as respostas em duas vertentes, que para muitos pode ser interpretada como opositoras, como para outros podem de forma conjunta mostrar um caminho para uma possível reposta da problemática em questão.

Com o objetivo linear de expor fatores dos dois tipos de teorias, esclarecendo ao leitor como ocorrem ambas teorias, fazendo com que o próprio leitor possa formular a sua concepção individual de como seria a forma que mais condiz com o cenário atual da sociedade brasileira, onde por conseguinte, mais adiante, teríamos como obter uma conclusão menos empírica e mais objetiva em relação as causas e origens, o que nos proporcionaria meios de elaborar novos estudos para então trabalhar a diminuição ou extinção de tal nível de discriminação e preconceito.

O estudo está estruturado em duas matrizes explicatórias principais, onde enfoca a teoria de Freud sobre um dos mecanismos de defesa, a formação reativa, de sua obra *Três ensaios da teoria da sexualidade*; onde em contraponto está o estudo feito por George Weinberg, *Society and the healthy homosexual*, onde ele elenca cinco fatores os quais foram levantados em sua pesquisa como sendo as origens dos crimes de ódio ocorridos contra a população LGBTQIA+.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A sociologia e antropologia tem mostrado que a homofobia é um fenômeno com diversas facetas, presente, de diferentes formas, em esferas individuais e institucionais (Carrara e Vianna, 2004, 2006; Ramos, 2010). Para esses autores, há um envolvimento da discriminação homofóbica com outros marcadores sociais, como gênero, identidade sexual, geração, classe e raça/cor. Ramos e Carrara (2006) verificam que a violência letal atinge de forma mais agravada indivíduos cuja homossexualidade é mais evidente e aqueles que conjugam diversos estigmas, principalmente travestis.

O mecanismo de defesa de Freud, formação reativa, é a primeira teoria que coloca a homofobia nessa linha explicativa, onde ocorre em resumo quando uma pessoa sente um desejo de fazer ou dizer algo mas faz/diz o oposto. Formação reativa aparece como uma defesa contra uma punição social temida. Se eu temo que serei criticado por alguma coisa, eu muito visivelmente ajo de uma forma que mostra que eu estou pessoalmente longe do caminho da posição temida. Um padrão comum na formação reativa é o lugar onde a pessoa usa “comportamento excessivo”, por exemplo, utilizando simpatia exagerada quando a pessoa está realmente se sentindo hostil.

Diante dessa mesma linha de raciocínio, o psicanalista Contardo Calligaris apresenta sua concepção, onde mostra que trata-se de um conflito interno ao nível do inconsciente sobre o desejo sexual de cada indivíduo.

O desejo é aquilo que faz com que eu me aproxime, mas também me afaste, com medo do estranho, do inapreensível, do irrepresentável, e conseqüentemente da culpa por sentir esse desejo, mas não reconhece-lo, situando esse desejo no nível da neurose e do recalque, ou seja, de uma repressão dos meus desejos ao nível do inconsciente. O sintoma da homofobia, ou seja, o ódio ao seu igual irrompe como um sintoma na tentativa de destruir no outro os desejos sentidos dentro de si mesmo (Calligaris, 2011).

Há uma tentativa de conter os impulsos homossexuais dentro de si mesmo, que são insuportáveis para todos nós quando vemos nossa imagem refletida no espelho do outro, conforme explica o psicanalista: “Estou com dificuldades de conter a minha própria

homossexualidade, então acho mais fácil tentar reprimir a homossexualidade dos outros, ou seja, condená-la, persegui-la e reprimi-la, se possível até fisicamente, porque isso me ajuda a conter a minha" (Calligaris, 2011).

Já seguindo por outra sistemática, George Weinberg (1972), apresenta que a homofobia remete ao medo ou fobia de ter contato com homossexuais. Não existindo uma preocupação por parte do autor em estabelecer uma precisão quanto aos termos empregados, configurando-se, no mais das vezes, numa forma de preconceito e discriminação. O preconceito, segundo o autor, refere-se mais comumente aos homens heterossexuais do que as mulheres heterossexuais, pondo em evidência a forma passiva de relação sexual pertencente aos homossexuais, significando, portanto, perda da masculinidade. Em contrapartida, o repúdio da homossexualidade, proporciona ao indivíduo homofóbico, um sentimento de superioridade devido sua condição heterossexual. A homofobia pode acometer inclusive aos homossexuais sob a forma de uma "homofobia internalizada".

Weinberg (1972) enumera cinco motivações psicológicas da homofobia: 1) a religiosa (os homossexuais são considerados pecadores por perseguirem o prazer sexual); 2) o medo de ser homossexual (o combate da homossexualidade é a expressão de um desejo recalcado, de acordo com o mecanismo de defesa nomeado por Freud de formação reativa); 3) a inveja reprimida (o homossexual representa uma ameaça para o atributo da masculinidade heterossexual); 4) ameaça dos valores compartilhados pela maioria; 5) temor da morte (a ausência de filhos desnuda a mortalidade e a finitude).

Assim George Weinberg infere que a homofobia portanto é cultural, ou seja, como se a sociedade proporcionasse em seus indivíduos uma "ficção", um ideal heterossexual, qual seja: o casamento, a monogamia e a constituição de filhos. Por consequência, a repulsão aos homossexuais é aprendida desde a infância a partir da cultura, ensinado pelos pais que a heteronormatividade é o ideal a ser seguido e valorizado de forma única.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dessa reflexão cabe ressaltar além da discussão principal do estudo, que mesmo termos atualmente muito utilizados, que já tem uma visualização forte dentro das temáticas, se for analisado do ponto de vista político, o termo homofobia é potente, entretanto do ponto de vista conceitual, o termo *preconceito contra diversidade sexual* parece definir bem melhor o fenômeno, tendo em vista toda a história do termo homofobia. É evidente que existem diferentes níveis de análise nos quais o preconceito pode ser estudado e, para uma compressão mais global do fenômeno, certamente, uma abordagem interdisciplinar é necessária.

No geral, a psicologia brasileira tem se dedicado mais em aliviar os sintomas que o preconceito causa, do que propriamente estudar e explicar quais as origens desse ódio no indivíduo agressor. Uma vez que o preconceito é resultado de muitos fatores interacionados, não há uma solução fácil.

Muitas dessas soluções já foram aplicadas com algum grau de sucesso com o preconceito racial e de gênero. Estamos em tempo de descobrir se o mesmo se estenderá para a diversidade sexual e essa discussão conceitual pretende contribuir para esse processo, uma vez que pesquisas nessa linha é elemento fundamental no debate acadêmico para que a sociedade possa criar meios diminuir na prática as estatísticas de violência no Brasil.

Palavras-chave: Homofobia, LGBTQIA+, morte, violências, crimes de ódio.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CALLIGARIS, Contardo. *Por que a homossexualidade incomoda tanto?* *Revista Trip*, 204, 2011. Disponível no site: <http://revistatrip.uol.com.br/revista/204/reportagens/contardo-calligaris.html> .

CARRARA, Sérgio & VIANNA, Adriana. 2006. "‘Tá lá o corpo estendido no chão...’: a violência letal contra travestis no município do Rio de Janeiro". *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*. Vol. 16, n. 2, p. 233-249. Rio de Janeiro: IMS/UERJ.

FRANÇA, Alexandre. *Homofobia: uma trajetória epistemológica*. Rio de Janeiro, 2015.

FREIRE, Lucas e CARDINALI, Daniel. O ódio atrás das grades: da construção social da discriminação por orientação sexual à criminalização da homofobia. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, 12, 2012.

FREUD, Sigmund (1905). *Três ensaios da teoria da sexualidade* In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1996 (Vol. 7).

MOTT, Luiz. Homo-afetividade e direitos humanos. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 2006.

WEINBERG, George. *Society and the healthy homosexual*. New York: St. Martin's Press, 1972.